

Dolores Corbella y Alejandro Fajardo (eds.) (2017) *Español y portugués en contacto. Préstamos léxicos e interferencias*, Berlin/Boston, Walter de Gruyter, 430pp.

Publica-se o volume editado por Dolores Corbella, Catedrática de Filologia Românica da Universidade de la Laguna desde 1997, e especialista em Lexicografia e edição de textos. Esta edição é também da responsabilidade de Alejandro Fajardo, Doutor em Filologia Hispânica pela UCM (1990) e Professor Titular na mesma universidade, onde lecciona na Área de Língua Espanhola.

O presente volume consta de dois capítulos repartidos pelas áreas geográficas ibérica e americana. O primeiro intitula-se *Español y gallego-portugués en Europa: una historia compartida*; o segundo, *El contacto luso-español en América: fuentes para su estudio*. Cada um dos capítulos contém nove artigos de autores de várias nacionalidades, conforme a ordem abaixo apresentada. O texto de apresentação é da responsabilidade dos editores. A obra termina com um prático índice de empréstimos mencionados nos vários artigos apresentados ao longo da mesma.

O primeiro capítulo começa com um artigo de **Steven N. Dworkin** (pp. 3-18) (Universidade do Michigan). O autor traça o panorama do contacto linguístico entre o galego-português e o castelhano na Idade Média. Apresenta importantes questões metodológicas, nomeadamente pistas de investigação a ter em conta na abordagem da presença de lusismos no espanhol medieval. Destaca-se a análise da origem de lusismos/galicismos v.g. *afeitar, coitar, cuitar* (p.6-7); lusismos medievais menos controversos v.g. *ledo* (p.8); etimologias verdadeiramente controversas v.g. *cariño, alguien*, etc. (p.9-10); e, por fim, dos resultados de CL-, PL-, FL- > CH- em português e em castelhano v.g. *chamada, choupo*, etc. (p.13).

Fernando Venâncio (pp.19-36) (Universidade de Amsterdão) aborda a presença de lusismos e galeguismos no espanhol. O autor estabelece um critério de identificação de empréstimos através de três pistas: em primeiro lugar, a palavra deve ter um uso prévio e constante no idioma receptor; em segundo lugar, deve ser avaliado o contacto do utente com os dois idiomas (dador e receptor); e, em terceiro lugar, verificar se existe o radical que dá origem à palavra adquirida no idioma de destino. O autor dá conta de uma importante presença de influências cruzadas entre português/galego e espanhol, embora bastante assimétrica.

Mar Campos Souto (pp.37-60) (Universidade de Santiago de Compostela) procede à documentação de galeguismos servindo-se de dicionários históricos espanhóis. No *Diccionario Histórico* (1933/36) encontram-se registadas algumas palavras v.g. *carabela, carvallo*, etc. (p.39), classificadas como galeguismos; já no *Diccionario Histórico* (1960/1996) se faz menção aos galeguismos com primeira documentação lexicográfica e galeguismos com documentação léxica. A Autora reporta-se à importância dos escritores galegos na configuração da variedade do espanhol da Galiza.

Alejandro Fajardo (pp.61-78) (Universidade de La Laguna) apresenta um estudo sobre os empréstimos introduzidos no espanhol por via portuguesa. Averigua

a origem, área temática, processo de transmissão, datas de entrada e níveis de uso dos empréstimos e procede à clarificação de alguns conceitos importantes como a diferenciação entre “exotismo léxico” e “internacionalismo” ou “étimo imediato” e “étimo remoto”. Menciona as famílias linguísticas de onde procedem os empréstimos que chegam ao espanhol, entre as quais as mais representativas são de origem afro-asiática v.g. *alecrín, garrafa, tacha*, etc. (p.71) e austronésia v.g. *junco, lanchar, bambú*, etc. (p.71). Com menor representação encontram-se as famílias iraniana v.g. *bengala* (p.71); dravídica v.g. *cato* (p.71) e tupi-guarani v.g. *jaguar, ananás* (p.72), entre outras. Muitos dos empréstimos apresentam dificuldade acrescida quando se trata de determinar se a sua via de entrada foi através do português ou de outras línguas v.g. *bambú* (p.74).

María Victoria Navas Sánchez-Élez (pp.79-104) (Universidade Complutense de Madrid/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) traça uma abrangente visão, orientada de Norte para Sul, sobre os intercâmbios culturais na raia hispano-portuguesa. Estes contactos materializam-se, entre outras ações, em projectos, v.g. Além da Água, INTERREG. (I, II, III) etc.; associações, v.g. ADPM, APLEX, etc. e em fundações como a FRAH. No âmbito da bibliografia linguística sobre a área em análise a autora integra os estudos dialetológicos portugueses, o desenvolvimento do ALEPG, as publicações da *RFR* – particularmente o nº 18 de 2001 –, o projecto do Campo Arqueológico de Mértola e a FRONTESPO (2015-17). O artigo termina com a referência à bibliografia não linguística referente a iniciativas culturais, gastronomia, música da raia, monumentos, memórias e estudos sobre as atitudes que os falantes têm sobre a sua própria língua.

José Antonio González Salgado (pp.105-127) (Universidade de Coimbra) analisa a presença do léxico português no ocidente espanhol, nomeadamente nas variedades do leonês, estremenho e andaluz. Para tal, o autor refere exemplos provenientes das províncias raianas de Zamora, Salamanca, Cáceres, Badajoz e Huelva. J. A. González Salgado dá conta do projecto FRONTESPO, indicando os objectivos e importância do mesmo para a documentação e estudo destas variedades. O tesouro lexical recolhido tem por base em duas linhas de orientação: a procura de elementos de confluência na fronteira hispano-portuguesa e a evidência dos aspectos divergentes nessa mesma fronteira.

Mariano Franco Figueroa (pp.129-150) (Universidade de Cádiz) investiga os portuguesismos na variedade andaluza ocidental. Para tal, o autor apresenta o contexto histórico-geográfico que promove o contacto entre as variedades meridionais portuguesas e espanholas. Não deixa de se referir à acrescida dificuldade em identificar as origens dos empréstimos devido à proximidade das variedades ibéricas. O autor refere as fontes documentais utilizadas no estudo das variedades em questão, para as quais apresenta o título e a procedência dos arquivos (Índias, Huelva, Sevilha, Cádiz).

Dolores Corbella (pp.151-179) (Universidade de La Laguna) apresenta um artigo, no qual analisa a interferência lexical do português no espanhol das Canárias. A partir da documentação histórica investigada, coloca os empréstimos em três níveis: portuguesismos evidentes, portuguesismos castelhanizados e palavras cognatas. Os campos semânticos apontados dizem respeito a temas como a carpintaria, construção, indústria açucareira, vinicultura, ganadaria, pesca, cestaria, actividade têxtil, entre outras áreas. Aborda a origem regional dos lusismos, a “atlanticidade” dos portuguesismos canarinos e a centralidade do arquipélago das Ilhas Canárias como ponte entre África, Europa e América.

Jens Lüdtke (pp.181-198) (Universidade de Heidelberg) oferece um estudo sobre a entrada de portuguesismos no espanhol das ilhas Canárias. O autor tem como fontes nove documentos (séc. XV/XVI) sobre escrituras de concessão de terras e direito ao uso de águas. Nestes textos, o contacto linguístico é evidente, já que revelam um nível bastante diferenciado de aquisição do espanhol por parte dos portugueses nas Canárias. Esta diferenciação leva a que o autor estabeleça quatro tipos ou níveis de interferência linguística nos textos escritos. Entre os traços linguísticos variados e bastante interessantes, destaca-se a existência de alguns hibridismos de vária ordem v.g. *feycha*, *laz islhas* (p.191) e fenómenos de hipercorreção como v.g. *reguystro* (p. 192).

O segundo capítulo desta obra inicia-se com um artigo de **Juan Antonio Frago** (pp.201-230) (Universidade de Zaragoza), no qual se apontam as circunstâncias históricas implícitas na entrada de empréstimos provenientes do português – e de outras variedades do ocidente ibérico – no espanhol americano. As marcas portuguesas em documentos sevillanos são uma boa mostra de contacto linguístico a nível fonético v.g. *fonte* (p.207), ou morfológico v.g. *ena* (p.207) com a contração do artigo. Os empréstimos do português verificam-se de maneira geral, segundo Frago, na área de contacto entre o Uruguai, Brasil e Paraguai; no Paraná, Mato Grosso e Amazônia v.g. *sertón*, *cachuera* (p.214) e nas Antilhas e Nova Espanha v.g. *tanque*, *Arroio del Maluco* (p.217). O artigo foca algumas fontes documentais, nas quais se podem assinalar vários níveis de interferência do português sobre o espanhol americano.

Magdalena Coll & Virginia Bertolotti (pp.231-252) (Universidade da República do Uruguai) abordam a entrada de palavras de origem portuguesa por via brasileira no espanhol do Uruguai. Os estudos apresentados sobre portuguesismos subdividem-se em dois grupos: trabalhos linguísticos e fontes literárias. As futuras investigações devem nortear-se por estabelecer uma terminologia mais precisa sobre o tema, datar e documentar as palavras, avaliar o tipo de empréstimos, analisar os dados numa perspectiva transfronteiriça e dar atenção especial à influência galega no séc. XX. Deve ser considerado também o turismo actual como importante fonte de entrada de empréstimos. Segundo as autoras, é essencial estudar outras áreas e contextos de entrada de empréstimos, quer na América, quer em Espanha.

José Luis Ramírez Luengo (pp.253-273) (Universidade Autónoma de Querétaro, México) patenteia no seu artigo as dificuldades em tratar os lusismos presentes no espanhol do Paraguai do séc. XVIII. Reporta-se a quatro subclasses de lusismos: puros, formais, semânticos e de frequência. Segundo o autor, este tema requer uma investigação mais aprofundada, tendo como orientação a metodologia a adoptar no estudo dos lusismos, i.e. o desenvolvimento do quadro teórico e a edição de textos como fonte desse estudo. Este estudo diacrónico é importante para determinar as especificidades do espanhol do Paraguai e estabelecer o contraste com outras variedades como o “platense”.

Micaela Carrera de la Red (pp.275-297) (Universidade de Valladolid) expõe o conceito de “área linguística” no âmbito do estudo das línguas em contacto. Procede à análise de formas lexicais partilhadas pelo português e o espanhol de Bogotá (Colômbia). Para tal, traça uma importante análise sociolinguística relativa ao corpus observado. Os empréstimos surgem directamente, através do português, nas áreas da vida social, diversão, animais, ganadaria, casa, transportes e viagens. A segunda forma de entrada de palavras é através do processo de convergência com destaque para áreas temáticas como a alimentação, casa, profissões, transportes, viagens, cidade,

comércio, vida social, vestuário, animais, ganadaria, ciclo de vida, números, transportes e viagens. Os designados “portuguesismos por conveniência” são provenientes de uma terceira língua e dizem respeito à meteorologia, saúde, profissões, corpo humano, vegetais e plantas.

María José Rincón González (pp.299-321) (Academia Dominicana de la Lengua) refere a diferenciação léxica do espanhol dominicano (República Dominicana) no diz respeito à adscrição linguística destas variedades. Aponta vias directas e indirectas como corredores de entrada de portuguesismos nesta zona. As primeiras reportam-se à emigração portuguesa, as últimas à emigração de andaluzes ocidentais, de canarinos, de pessoas oriundas do Ocidente peninsular e de proveniência náutica. A autora destaca a necessidade de trabalhos actualizados sobre léxico que possam dar conta da relevância dos portuguesismos no espanhol dominicano.

Francisco Javier Pérez (pp.323-347) (Asociación de Academias de la Lengua Española) apresenta um estudo sobre a entrada de alguns portuguesismos no espanhol da Venezuela. Começa por mencionar a posição de Gregório Salvador favorável à emigração galega como fonte dos empréstimos; posteriormente, apresenta, segundo estipulado por Germán de Granda, um conjunto de opções integradas entre vias directas e indirectas de entrada dos portuguesismos. Finalmente, atribui a Ramírez Luengo uma tipologia de empréstimos repartida por quatro âmbitos: lusismo puro, lusismo semântico, lusismo formal e lusismo de frequência. Para o autor a entrada de portuguesismos no espanhol da Venezuela dá-se, essencialmente, por via canarina até à primeira metade do séc. XX. O artigo termina com uma mostra de 64 portuguesismos seguidos de referências documentais e exemplos de aplicação.

Beatriz Arias Álvarez (pp.349-362) (Universidad Nacional Autónoma do México) contribui com um artigo sobre a entrada de portuguesismos documentados em Nova Espanha entre o séc. XVI e a actualidade. A primeira categoria de empréstimos diz respeito aos lusismos dos engenhos de açúcar relativos a áreas temáticas como matérias-primas v.g. *Caña de azúcar* (p.354), produtos v.g. *Azúcar mascabado* (p.355), utensílios v.g. *Pillera* (p.356), trabalhador v.g. *Tachero* (p.357) e lugar v.g. *Casa del purgar* (p.357). A segunda categoria integra os lusismos indirectos (ocidentalismos e andaluzismos) v.g. *Prieto*. Os lusismos indirectos de origem náutica constituem a terceira categoria de empréstimos v.g. *Carabela* (p.358). A quarta categoria abarca os portuguesismos directos v.g. *criollo* (p.358) e, por fim, a quinta categoria dá conta de portuguesismos existentes no México actual v.g. *trapiches* (p.359), entre outras formas.

Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora) (pp.363-390) procede a uma análise dos empréstimos de origem hispânica no dicionário brasileiro de regionalismos *Collecção de Vocabulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1852-1856) da autoria de António Álvares Pereira Coruja. O registo de palavras “castelhanas” na obra referida pode surgir com menção lexicográfica ou sem ela. Apresentam-se como exemplos, entre outros, as formas *cola*, *colorado* e *morcilha* (p.375), nas quais surge referência à proveniência castelhana. Por outro lado, as formas *cogotilho* e *empacar* (p.382), constituem castelhanismos sem marca lexicográfica própria. Faz-se igualmente referência a espanholismos da raia luso-espanhola. Segundo Filomena Gonçalves, a *Collecção* deve ser entendida como uma “representação” – e não como um “retrato fiel” do léxico rio-grandense do séc. XIX –, a encarar com as devidas distâncias no desenvolvimento de trabalhos lexicográficos.

John M. Lipski (pp.391-412) (Universidade do Estado da Pensilvânia) apresenta um estudo sobre as áreas de contacto linguístico entre o português e o espanhol na fronteira com o Brasil, mais concretamente sobre a entrada do português na província de Missões. Segundo o autor, trata-se de uma área onde o contacto se produz em condições diferentes das apresentadas na formação dos Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU), razão pela qual é, por vezes, erradamente considerado como portunhol. Depois de algumas considerações sobre valorização da língua pelos falantes, John M. Lipski apresenta os principais traços que caracterizam o português de Missões, tendo em conta os âmbitos fonético-fonológico, no qual se destaca a distribuição da sibilante em coda /-s/ v.g. *as pessoa* (p.402), e morfossintáctico com o uso do pronome *tu* seguido da forma verbal na 3ª pessoa do singular. O artigo termina com a referência às fontes para o estudo desta variedade (literárias, cinematográficas e estudos linguísticos).

A presente obra contém estudos incontornáveis de especialistas de renome com a chancela de uma das melhores editoras na área da Linguística, exigente e de referência a nível mundial. Da sua leitura, podemos concluir que existe uma relação assimétrica na aquisição de empréstimos por parte do galego, do português e do espanhol, i.e., o espanhol é considerado como o idioma dador por excelência ao português e ao galego. Vemos que a proximidade das línguas (português e espanhol), em termos dialectométricos, representa uma dificuldade acrescida, pois resulta na incerteza quando se pretende atribuir a origem, datação e via de entrada dos empréstimos. Neste sentido, o estudo da mobilidade dos povos em termos históricos torna-se bastante importante para que se possa proceder ao mapeamento da circulação de léxico proveniente de outras línguas. A abordagem, aliás, aos empréstimos deve ser fundada no desenvolvimento de metodologias adequadas ao seu estudo, tendo em conta as distintas realidades presentes na origem e irradiação dos mesmos. Existe uma verdadeira diferenciação relativamente aos tipos de empréstimos, i.e., a palavra ou locução pode estar, ou não, alterada em termos fonéticos ou morfológicos; eventualmente pode sofrer uma alteração semântica sem alteração da forma ou, pode ainda, ter alterada a sua categoria gramatical. A edição de mais textos constitui, assim mesmo, uma necessidade que deve ser colmatada de modo a permitir um estudo mais completo e abrangente do léxico partilhado pelo português e o espanhol na Europa e na América.

Concluimos que o estudo dos empréstimos deve visar particularmente as áreas de fronteira, quer se trate da faixa raiana, quer nos reportemos aos países vizinhos do Brasil pois a realidade fronteiriça constitui um manancial de relações de convergência ou de divergência que se reproduzem no léxico existente entre os dois lados e, de maneira muito particular, em línguas de contacto como o barranquenho ou os Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU). Mais uma vez, se corrobora a ideia de que o estudo do léxico, nomeadamente os empréstimos, constitui uma área de grande complexidade e que a deambulação por estas páginas coloca-nos perante a realidade da globalização iniciada com os Descobrimentos, talvez a primeira e verdadeira internacionalização do léxico levada a cabo pelos agentes ibéricos.